

António José Forte - ou uma "poética" de horas vitalícias

Se ainda fosse vivo, António José Forte (1931-1988) teria completado em 10 de Fevereiro setenta anos de idade. Não era muito, mas partiu antes de tempo e desde sempre ficou ligado ao movimento poético surrealista português. Claro, é hoje um nome bem esquecido, apesar de logo após a sua morte ter sido publicado **Corpo de Ninguém** (1989, onde se reuniram todos os livros que deixou publicados. Mas devo dizer, antes de mais, que na propositada subversão das ideias e dos sentimentos, este Poeta soube criara uma "utopia" para uso próprio, através da construção imaginística, da redundância de alguns vocábulos, da intenção nuclear de a palavra se subordinar, na intervenção e norma surrealista, à "ditadura do espírito", e proclamar: *"Dente por dente: a boca no coração do sangue: / escolher a tempo a nossa morte e amá-la"*. E por esse plano inclinado a poesia de António José Forte se desdobra, desde **Uma Faca nos Dentes** e **Caligrafia Ardente**, em textos e poemas que se arvoram, em redobrada surpresa e alegria, como punhal arremetido contra o cerco que tanto nos bloqueia, no desejo libertador de atenuar o peso do quotidiano, reabilitá-lo na sua justa dimensão e conferir-lhe outro sentido discursivo e poético: *"Sai de novo para o mundo. / Fechada à chave a humanidade janta. / Livre, vagabundo / dói-lhe um sorriso nos lábios, canta"*.

Mas no sentido dessa sempre procurada coerência entre uma certa perversão do "discurso" poético e a utopia ideológica, anarquizante e ainda claramente surrealista, na lição aprendida sobretudo em Breton, a poesia de Forte é, nessa intenção nitidamente bretoniana, um modo de afirmar que o **acto de escrever** é *"ainda aquilo que sabe fazer melhor"*, mas dizer também em consciência haver *"gente que nunca escreveu uma linha e fez mais pela palavra que toda uma geração de escritores"*. E, nessa forma directa e interveniente, o que percorre a sua poesia demarca-se ainda nos limites imediatos de uma evidente devastação, insubordinação ou rebeldia do próprio "discurso": *"Não estranheis os sinais, não estranheis este povo que oculta a cabeça nas entranhas dos mortos. Fazei todo o mal que puderdes e passai depressa"*.

No prefácio da 2ª. edição de **Uma Faca nos Dentes** (1983), Herberto Helder, seu amigo de muitos anos e companheiro em horas de aventuras pela vida fora, afirmava que *"a voz de António José Forte não é plural, nem directa ou sinuosamente derivada, nem devedora. Como toda a poesia verdadeira, possui apenas a sua tradição. A tradição romântica, no menos estrito e mais expansivo e qualificado registo"*. E isso mesmo claramente se pode observar em **Corpo de Ninguém**, súplica poética só possível pela amizade e camaradagem de alguns amigos, mas onde a carga amorosa dos seus poemas se associa ao desejo de fazer sobressaltar ou despertar os outros pelos caminhos dessa mesma perversão e rebeldia, como no seu belíssimo poema intitulado **Azuliente** (1984): *"Meu amor / países pátria têm todos um nome / de letras imundas que não é para escrever / Se ainda podes ouvir o búzio da infância / ouvirás com certeza o sinal de partir / (...) no meu livro de horas deste século, / está escrito que o homem livre / fará o seu aparecimento / sob a forma de um cometa de cauda faiscante"*, e por essa viagem estelar, na rosa dos ventos de outras secretas navegações, o Poeta de **Caligrafia Ardente** avança de rosto aberto e peito feito contra todas as pátrias, mas viverá o seu "dia a dia amante" nas horas vitalícias de um pessoal canto. Não ainda na forma dessa mesma ardente caligrafia que depois se inscreverá como último recado, antes no subtil e delicado fio telegráfico de outros precipícios, numa ode que evocará para sempre um rosto adolescente: *"No relógio das horas violentas / na câmara escura / onde o meu nome deve ser lido aos gritos"*.

Ora, por todos esses *"pontos magnéticos de analogia imaginística ou verbal, ou por enlances rítmicos"*, de que fala ainda Herberto Helder, se desvenda o tom e o toque de António José Forte possuir uma linguagem peculiar na poesia surrealista portuguesa e ser uma das poucas "vozes comunicantes" que por dentro soube escrever o verbo e o canto desse seu discurso poético de algum trágico e utópico sentido pessoal, mas não é *"o canto de velha toupeira / audível nos intervalos do terror"*, antes prevalece esse desejo de "amor louco" que se reinventa de outras dores sentidas por constelações ou ondas caligráficas do próprio mapa-mundo em que tudo ficou inscrito. E por aí se ergue esse código da vida, que o faz declamar num dos poemas de **Caligrafia Ardente**: *"No ano primeiro do fim da melancolia / enquanto os dias e as noites se devoram / é por mim que escrevem os aviadores / com a minha letra solitária / sobre a multidão no deserto"*. Mas nesse registo de imagens que se encadeiam quase no ritmo da própria respiração, existe na poética de António José Forte uma plural **caligrafia** cruzada pelas diferentes pátrias destruídas, nomes e memórias que despertam outras paixões ou denunciam diferentes *"segredos, razões e crimes contra o estado de oriente a ocidente"*. E tudo se entende como fantasmas dentro de navios que percorrem violentos e tempestuosos "mares de ninguém" (e de toda a gente, é certo), mas no sentido desse discurso justificar a navegação que se faz entre a vida e a morte. Por último, sim, digamos que, na sua forma de "desobediência civil" (que é um dos poemas inéditos que aparece em **Corpo de Ninguém**) revelada em muitos dos seus poemas, se poderá ainda descobrir uma espécie de "música astral" para povoar antigas noites de terror ou silenciar *"no coração do mundo / esse pranto à flor da pele"*.

Relida e decodificada linearmente a sua "caligrafia", podemos dizer que a poesia de António José Forte, na mais

clara e revivificante intenção surrealista, se afirma como o gesto derradeiro de quem, na alterosa vaga de emoções e palavras, reflectiu no seu "grande ecrã" tudo o que de mais essencial e profundo se entende, prevalece e morre. Mas podemos dizer com Ramos Rosa que, na poesia do Poeta de **Corpo de Ninguém**, "*avulta um sentido trágico a que soube dar expressão dentro do próprio espírito surrealista*". Assim, se não entendermos a tempo o sentido da sua lição, a poesia de António José Forte continuará a ser conhecida apenas de alguns irmãos colaterais que, na sua barca discreta e solitária, sonharam como ele emendar o mundo ou quiseram refazer a alegria iluminada por outros sóis. Mas a culpa será sempre nossa e não deles, é evidente.

Serafim Ferreira
Crítico literário

António José Forte
CORPO DE NINGUÉM, Poemas.
Ed. Hiena / Lisboa, 1989.